

EXPOSIÇÃO DE  
EXHIBITION BY  
**ANGELO GONÇALVES**

**10 SET-12 NOV 2020**  
**GALERIA TREM-FARO**



Agradecimentos:

Anabela Tavares  
Bertílio Martins  
Joviana Gonçalves  
Mirian Nogueira Tavares  
Nélio Guerreiro  
Ligia Rodrigues  
Marco Lopes  
Isabel Laranjo  
José Jesus  
Sónia Dias  
João Pedro Madeira  
Susana Mendes  
Pedro Cabral Santo  
Simon Richard Burnham  
Rita Soares  
Pedro Mesquita  
Silvia Desterro  
12ºano turma 4 Escola Tomás Cabreira

Exposição no âmbito da programação  
da Galeria TREM pelo curso de Artes  
Visuais/FCHS/UAlg | Promoção: CIAC/FCT  
Apoio: Câmara de Faro/Museu Municipal



*For art – and after all, I don't see any other definition that encompasses all others – is an activity consisting in producing relationships with the world, in materializing its relationships with time and space one way or the other.*

Nicolas Bourriaud

I can hardly resist the temptation to look for meanings in words, beyond those they have. The Argentine writer Julio Cortázar used to say that words were a mystery he liked to unravel, to penetrate, in order to create new relationships, and revelations, even and mostly, in the ordinary words of everyday life. “I seem to have been born not to accept things as they are given to me.” Angelo Gonçalves is an artist who, like the Argentine writer, does not accept things as they are given to him – he uses everyday ordinary objects (words) and with them he creates his art. An art that has been in process since he began to explore, in a more dense and conscious way, the layers of meaning hidden under the roofs of the stilts, of the temporary houses, of the impermanence of what should be permanent and solid. However, unlike several contemporary artists, who act on previous artistic objects, who inhabit and take for themselves the arts of others and act on them, in a process that Nicolas Bourriaud calls post-production, Angelo Gonçalves acts on reality, on the materiality of objects that are, almost always, debris and scraps of the consumer society. *Estanque* is an exhibition and a proposition – “estancar” is to stanch, to contain the flow of liquids, and it is also to run out, to reach an end point, from which you cannot escape. This does not reflect the irrepressible flow of the artist who presents, in this exhibition, 2 paintings, 2 photographs and 2 installations built in situ. None of them are confined, as they communicate – among themselves and with other exhibitions by their creator. There is, nonetheless, a common element: contained water, represented through words and images, insinuated by the containers that make up the objects, by the stains in the paintings but, effectively, absent. The fragility of the installations corresponds to the fragility of the photographed sculpture chosen as the cover of this exhibition by the artist himself: a house on stilts, with its pillars showing, as if stripped by the water that seems to become scarce. There is another photograph accompanying this one, which shows the dried-out stream, with the house on stilts in the middle, lost between the banks that extend themselves and take over the place once filled with water. In Galician, “estanque” is the name given to a dam, an artificial tank, such as those that stop the natural flow of a river. As referred to above, more than presenting an exhibition, Angelo Gonçalves presents a proposition that antagonizes the idea of containment, of cutting off the flow, of reaching an apparent end point. Marcel Broodthaers stated that “since Duchamp, the artist is the author of a definition”. Like Cortázar, the artist defines the functionality of the objects in his creations, driving them away from their apparent triviality and creating new meanings that may be stagnant in a defined time and space, but that continue their journey beyond the exact contained moment of their creation.

Mirian Tavares

*Pois a arte – e afinal não vejo outra definição que englobe todas as demais – é uma atividade que consiste em produzir relações com o mundo, em materializar de uma ou outra forma suas relações com o tempo e o espaço.*

Nicolas Bourriaud

Dificilmente resisto à tentação de procurar sentidos nas palavras, para além daqueles que elas contêm. O escritor argentino Julio Cortázar dizia que as palavras eram um mistério que ele gostava de desvendar, de penetrar, para criar novas relações, e revelações, mesmo, e sobretudo, nas palavras banais do quotidiano. “Yo parezco haber nacido para no aceptar las cosas tal como me son dadas.” Angelo Gonçalves é um artista que, como o escritor argentino, não aceita as coisas como lhe são dadas – usa os objetos (palavras) banais do quotidiano e com eles cria a sua arte. Uma arte que está em processo desde que ele começou a explorar, de forma mais densa e consciente, as camadas de significação que se ocultam sob os tetos das palafitas, das casas provisórias, da impermanência do que devia ser permanente e sólido. Mas, ao contrário de diversos artistas contemporâneos, que agem sobre os objetos artísticos anteriores, que habitam, e tomam para si, as artes de outros e atuam sobre elas, num processo a que o Nicolas Bourriaud chama de pós-produção, Angelo Gonçalves atua sobre o real, sobre a materialidade dos objetos que são, quase sempre, restos e sobras da sociedade de consumo. *Estanque* é uma exposição e uma proposição – estancar é conter o curso dos líquidos, e é também esgotar-se, chegar a um ponto fixo, do qual não se consegue sair. O que não traduz o fluxo irreprimível do artista que apresenta, nessa exposição, 2 pinturas, 2 fotografias e 2 instalações construídas *in situ*. Nenhuma delas está estanque, pois são dialogantes – entre si mesmas e entre outras exposições do artista. Há, no entanto, um elemento comum: a água que está contida, representada através das palavras e das imagens, insinuada pelos recipientes que compõem os objetos, pelas manchas nas pinturas mas, efetivamente, ausente. A fragilidade das instalações corresponde à fragilidade da escultura fotografada que foi escolhida, pelo próprio artista, como a imagem desta exposição: uma palafita, com seus pilares à mostra, como desnudados pela água que parece rarear. Há outra fotografia, que acompanha esta imagem, que mostra o manancial seco, com a casa/palafita no meio, perdida entre as margens que se estendem e tomam o lugar outrora ocupado pela água. Em galego, estanque é o nome que se dá a uma barragem, a um tanque artificial. Como aquelas que estancam os rios que deveriam fluir. Como disse, mais que uma exposição, Angelo Gonçalves apresenta-nos uma proposição que é antagônica à ideia de estancar, de cortar o fluxo, de chegar a um ponto, aparentemente, final. Marcel Broodthaers afirmou que “desde de Duchamp, o artista é o autor de uma definição”. O artista, como Cortázar, define a função dos objetos nas suas criações, afastando-os da sua aparente banalidade e criando novos sentidos que podem estar estagnados num tempo e espaço definidos, mas que continuam o seu percurso para além do momento exato, e estanque, da sua criação.

Mirian Tavares